



Relato PRELIMINAR da 7ª roda de conversa de conversa da Frente Estamira de CAPS: Articulação com a Atenção Básica e Inclusão digital de usuários e familiares em tempos de pandemia

Dia: 26/05/2020 (3ª feira)

Horário de início: 17h05min

Horário de término: 18h45min

Local: Google Meet (sala de reunião virtual)

Participantes: Adriana Santos, Alberto Farias, Alessandro Barbosa, Alexandre Bellagamba, Ana Lúcia Togeiro, Ariane Ferreira, Belmira Felix, Bethânia Caetano, Bianca Freitas, Camilla Poubel, Carla Faria, Clarisse Cabral, Claudia Canto, Cristina Ventura, Diogo Souza, Eduardo Vasconcelos, Fabio Ribeiro, Herica Gonçalves, Hugo Soares, Jackeline Simas, Jonas Zonis, Juliana Alves, Juliana Tempone, Juliana Vinhais, Júnia Prosdocimi, Leandro Pacheco, Lívia Esteves, Luciana Alleluia, Maria Alice Bastos, Maria Clara, Marise Lutterbach, Marli Lopes, Matthew Rosa, Natália Garufe, Paulo Costa, Pedro Gabriel, Renata Antum, Sâmia Leite, Sinelle Valle, Tânia Terra, Tatiana Marques, Wanessa Ferreira. Participaram em média 38 pessoas.

Leandro (CAPSi Carim / Frete Estamira / NUPPSAM): Inicia abordando o tema da roda de conversa e lembrando a proposta de Wanessa feita através do grupo sobre o projeto de um centro de convivência virtual, algumas pessoas também falarão sobre a atenção básica.

Wanessa (Usuária - CAPS Neusa Santos Souza): Fala que desde o começo de abril essa questão do isolamento começou a “cobrar” muito. Tem um grupo com usuários no Neusa onde começavam a pensar na criação de uma associação dos usuários de lá, veio a pandemia e isso acabou sendo interrompido, e hoje é mais um grupo de apoio. E aí surgiu a ideia de se

criar um centro de convivência virtual, que no início era só uma ideia, não tinha nem nome, para manter rede de afetos e pensando muito na redução de danos, começou a observar que o isolamento está cobrando seu preço na vida de colegas, colegas que já estavam melhorando, e pensava de que forma eles seriam atingidos mais adiante e como isso ia afetar a rede de atenção também. Comunicou essa angústia pra Neli Almeida, que ajudou a dar forma para a ideia. Debateram no grupo, levaram pro fórum do centro de convivência, e nesse meio tempo surgiram dois editais de inovação, um da UFRJ e outro da Fiocruz. No da Fiocruz, que era sobre os efeitos da pandemia, receberam notícia no dia 18 de maio que o projeto foi aprovado. Estão se reunindo pra montar agenda Conviver, atividades serão oferecidas pelo centro de convivência e serão disponibilizadas pra mais pessoas, grupo está vendo questão das plataformas que serão usadas para facilitar acesso, e projeto prevê logo no início uma oficina de apropriação tecnológica para ajudar a galera a conseguir mexer, às vezes tem colegas que têm telefone e acesso à internet mas não sabe mexer, estão ajudando uma colega a mexer no *Whatsapp* mas não sabe escrever, então tendo alguém com metodologia para transmitir esse suporte será importante. Nem todo usuário do CAPS tem vínculo com o centro de convivência, ela apesar de conhecer o trabalho está num outro momento do tratamento agora, há 5, 6 meses ela não pensava em ir pra rua sozinha, pegar ônibus, ela por exemplo não tinha esse vínculo com o centro, e pensa que talvez esse seja o caso de muitos usuários. A ideia é pegar com a Frente para ter uma noção real o número desses usuários que passam por isso, quantidade de usuários, se eles teriam acesso à ferramenta, quais as dificuldades, para conseguirem tornar o dispositivo mais acessível para todos.

Leandro (CAPSi Carim / Frete Estamira / NUPPSAM): Tema importante, acredita que talvez demande uma roda com esse tema em específico.

Pedro Gabriel (Frente Estamira / NUPPSAM): Acha super importante notícia dada pela Wanessa, propõe discussão sobre saúde mental na atenção básica a partir da experiência de Júnia, e depois retomarmos a questão das tecnologias.

Júnia Prosdocimi (NASF Búzios): Esteve licenciada, voltou semana passada, trabalha no NASF de Búzios, chegou tentando entender qual era a situação, e na verdade estava tudo parado. Tiveram reunião de equipe, trouxeram proposta de discussão, houve relatos de que os

profissionais da Estratégia de Saúde da Família (ESF) estavam muito esgotados, a coordenação notava mas não sabia como podia abordar isso, e outro ponto que trouxeram foi o apoio às pessoas que fizeram o teste pra COVID e que estão em casa aguardando, parece que há número grande de pessoas e o LACEN não está dando conta de dar os resultados com rapidez. Dentro desses dois eixos propôs que fizessem formulário de pesquisa, fizeram no *Google Forms* para todos os profissionais da atenção primária e essa pesquisa foi fechada hoje, achou interessante trazer as respostas desses profissionais para vermos como está a situação. Compartilha a tela para vermos a situação em Búzios. Terão reunião de planejamento amanhã. Incluíram todos os profissionais, tiveram resposta maior de ACS, enfermeiros e técnicos de enfermagem. Pessoas se sentem preocupadas com a questão da pandemia, sinal de que estão entendendo a situação, quiseram saber o quanto estão orientadas sobre EPIS, a maioria disse que foi orientada e sabem. Como a pandemia tem afetado diretamente essas pessoas, só 3 disseram que não, a maioria disse que se sente afetada pessoalmente, na vida com amigos, família e colegas de trabalho. De que forma? A imensa maioria se sente muito afetada nos aspectos psicológicos, nos sintomas que elas têm apresentado. Só duas pessoas disseram que não tem sintoma algum,, a maioria tem ansiedade, insônia, pra duas pessoas houve aumento de consumo de álcool, drogas e tabaco, e 30% dos casos, são 14 pessoas, sentem dores no corpo. As maiores dificuldades são medo do contágio, odontologia se queixou de falta de EPI, atender suspeitos e ao mesmo tempo ter que fazer rotina, paramentando e desparamentando, lá em Búzios não se fez centro de triagem, a maioria tem entrada diferenciada para suspeita de COVID, mas a unidade continua fazendo rotinas, então isso estressa muito. Ter que orientar pacientes, organizar o trabalho, lidar com ansiedade dos pacientes, evitar aglomerações, há fala de que muitos não compreendem os riscos, há cansaço físico e psicológico dentre as dificuldades. 58% acha que NASF pode ajudar nesse momento, 30% tem dúvidas, 10% acha que não. Perguntaram sobre como NASF poderia ajudar na saúde mental. Estão necessitados de suporte emocional, apoio, escutas das angústias, ensinar a lidar com a ansiedade, não estão se sentindo escutados. Esse é o panorama para pensar em quais ações. Há outra situação que seria acompanhar e ajudar no monitoramento das pessoas que estão aguardando exames, que segundo eles estão extremamente ansiosas, a APS vai acompanhar pessoas que estão aguardando respostas e precisam de suporte. Pensam na possibilidade de aproximação com associação de moradores,

até igrejas, e propôr talvez lives, ou conversas pelo *Google Meet*, pra poder debater essa situação com a população dos bairros.

Hugo Soares (CAPS Pedro Pellegrino): Trabalhou 8 anos no NASF, só depois foi pro Pedro Pellegrino. Foi experiência muito enriquecedora, estão levando experiência de matriciamento pro CAPS, percebem dificuldades nas equipes NASF da região 5.2, tentaram assumir matriciamento lá. Conforme chegam dificuldades relatadas pelos CMS, tentam ligar, conversar, até mesmo participar de videoconferências. Está em contato direto com RT do CMS para dar apoio remoto nos casos leves e moderados em relação à medicações. A experiência dele com NASF é a retaguarda. Muitas das vezes, profissionais da APS acham que paciente do NASF é o “paciente do doutor Hugo”, e não paciente da instituição, da clínica da família. Precisam ser vistos em sua integralidade, às vezes ele tem hipertensão, diabetes, o que acaba sendo esquecido. No ano passado com a saída da OS IABAS, foram pra IPSEP (?), tiveram crise bem forte em relação à atenção básica, atenção em saúde mental, porque não estavam contratando psiquiatras. Com a entrada da Rio Saúde há retomada, mas mesmo assim contratações de colegas psiquiatras está difícil, há colegas afastados por causa da idade e COVID, e o papel dele enquanto CAPS é retomar o matriciamento. Diretora comprou ideia na reunião de equipe, irão propiciar matriciamento às unidades.

Jonas Zonis: Prazer em estar aqui. Quando falamos de saúde mental na atenção primária, vê os dois lados, o papel dele como profissional da estratégia, de atender a população, e o papel de acolher aos colegas e procurar o próprio autocuidado. Achou legal fala do Hugo sobre NASF auxiliando os próprios profissionais, há voluntarismo no atendimento aos profissionais da ponta e algumas coisas muito positivas nesse sentido, mas como é um tema muito aberto, a coisa que mais repercute nele é o pavor generalizado que a população está vivendo, como enquanto APS pode acolher essa angústia e absorver essa onda do coronavírus, que não é muito bem definida. Tem sido um desafio profissional lidar com população que tem medo de sair de casa mas ao mesmo tempo sofre em casa. Destaca que uma das coisas que tem funcionado bem é a tentativa da equipe de ampliar acesso com as mídias sociais, *Whatsapp*, *Facebook*, telefone, tem sido ferramentas fundamentais do dia a dia. Tem convivido com situações de óbitos domiciliares, urgências de saúde mental, e coordenação do cuidado a distância é um desafio corriqueiro, pacientes com crise de ansiedade muito aguda e

desorganização, às vezes fazem acolhimento e avaliação, há pessoas com sintomas leves mas estão preocupadas sem muita orientação, esse tem sido o dia a dia, e contextualizando há enfraquecimento da saúde mental há bastante tempo, isso fica mais agudo agora. Dá exemplo da própria unidade, 1/3 de profissionais estão afastados, pessoas que tiveram crise de saúde mental muito escancarada ou foram afastadas por questões de doença física e outras, dentre eles todos os psicólogos e psiquiatras, e há retaguarda legal, fazem articulação com CAPS infantil ou adulto. Desafio pra todo mundo, enxerga essa retaguarda com muitos bons olhos, há muitos colegas solidários, perguntando pelo *zap*, enfim.

Leandro (CAPSi Carim / Frete Estamira / NUPPSAM): Lê dúvida de Diogo, se o CAPS Pedro Pellegrino tem realizado trabalho de matriciamento no território da AP 5.2.

Hugo Soares (CAPS Pedro Pellegrino): Algumas clínicas da família tem NASF e outras não. São dois CAPS adultos na região da 5.2, o Profeta Gentileza e Pedro Pellegrino. Tem área em que atendem, tentam voltar com matriciamento porque alguns NASF não tem psiquiatra, então se precisam tirar dúvida sobre paciente gestante ou outros casos, ou pacientes que não deveriam estar num CAPS como pessoas com transtorno leve a moderado, o CAPS ele tem um perfil, que é atendimento de pessoas com transtornos severos, graves e persistentes, então nos casos brandos estão tentando propiciar a distância o matriciamento pras equipes mesmo com NASF porque algumas não tem psiquiatra. Por exemplo, teve que prestar apoio pro Profeta porque o colega Paulo está afastado por conta da idade, é grupo de risco. As diretoras entraram em contato e fez atendimento, orientou, se coloca disponível para poder tirar dúvidas, e quando for necessário aí atende, mas tenta empoderar profissionais médicos da atenção básica de modo que possam ter retaguarda da saúde mental.

Sinelle Valle (Familiar de usuário do CAPS em Mesquita / Psicóloga clínica): Agradece Júnia por compartilhar. É psicóloga clínica e familiar de usuário no CAPS. Ficou com vontade de divulgar para estreitarmos os laços, fez página chamada Transforma Psico para levar conhecimentos de psicologia principalmente para pessoas que não tem acesso, para desmistificar aos poucos as ideias pré-concebidas, as discriminações contra a própria psicologia. Se forem lá no perfil no *Instagram* e na comunidade no *Facebook*, terão acesso ao vídeo que fez chamado *Psicólogo é coisa de maluco?*, para chamar atenção das pessoas e

fazer com que reflitam mais e mais sobre falas que são estereotipadas, sei que a gente aqui já pensa, mas não sabemos se os outros pensam. Júnia ter fez vários insights para conteúdos que pode disponibilizar no futuro, visando estreitar as relações. Colega que falou de autocuidado, nesse perfil tenta levar o conhecimento para promover saúde, para repensarem sobre auto-cuidados diversos.

Juliana Tempone (CAPS de Arraial do Cabo): Lembrou de duas experiências, uma é quando era estudante e fez estágio em São Pedro. Inicialmente iriam estagiar num ambulatório, e perceberam que tinha fila de espera grande na psicologia e se questionaram sobre isso, sobre o que ela significava. Junto com as coordenadoras do estágio decidiram ir no território entender o que estava acontecendo, e começaram a trabalhar essa questão do matriciamento, e perceberam que nos territórios que tinha NASF, menos pessoas eram encaminhadas ao ambulatório, e quanto não tinha mais iam pro ambulatório. Este trabalho foi importante no sentido de educação permanente, da atenção básica perceber o que era saúde mental, embora seja bacana trabalhar junto atenção básica não é atenção psicossocial, então é legal porque o NASF é como uma ponte. Fizeram trabalho de matriciamento, pois perceberam que pessoas não tão graves eram mandadas pro ambulatório, e atenção básica não sabia muito o que fazer. Percebeu que isso se repetiu quando começou a trabalhar no segundo distrito de Arraial do Cabo, que é um município muito extenso mas com população pequena, percebeu que havia muitos desassistidos em situação grave. Percebem olhando pro trabalhador que falta estrutura, falta educação permanente, percebe que profissionais da ESF são muito acolhedores, muito abertos, e além dessa ponte que o NASF faz com a atenção básica, ele faz educação permanente.

Tânia Terra (Campos dos Goytacazes): Esse encontro chegou em boa hora, lá em Campos não há NASF, embora seja o maior município da região com mais de 500 mil habitantes não há nenhuma equipe NASF. Faz parte de equipe de matriciamento com psicólogo, psiquiatra, assistente social e estagiária de psicologia, que no momento foi desmontada, estão sem fazer o trabalho de matriciamento, um colega psiquiatra se afastou porque não estava recebendo o seu salário. Estão com insistência com o subsecretário de saúde para que voltem a funcionar e possam funcionar num novo modelo, principalmente apoiando a atenção. Discorda da colega, acha que atenção básica faz atenção psicossocial potente, foi uma das coisas que a encantou

quando começou a trabalhar com estratégia de saúde da família, o alcance do trabalho deles, o entendimento que é bem o nosso da saúde mental, se sentiu falando a mesma língua, e infelizmente já tinham pouca equipe de ESF, eram 28 equipes só, e só há 10 funcionando abertas, são completamente aquém da necessidade do território e terão que pensar em que trabalho vão fazer agora, vocês tem ideias boas que ela levará pra equipe.

Bethânia Caetano (CAPS em Carmo - Região Serrana): É assistente social em Carmo, é representante da região serrana, município tem 18 mil habitantes, tem estratégia de saúde da família com 100% de cobertura, gostaria de parabenizar a fala da Júnia, porque ela está indo pra atenção básica e a fala trouxe direcionamento, está entendendo melhor a demanda, levantamento é primordial e inspirador. Sobre interseção da atenção básica (AB) com a atenção psicossocial, não há empoderamento na AB desse suporte psicossocial, de profissionais que consigam dar conta das demandas psicossociais, e lá não tem NASF, é um outro complicador para fortalecer a atenção básica. Continua se questionando sobre o desafio da inclusão digital, essa semana recebeu demanda de um distrito de cultura basicamente rural, região com maior número de casos e que teve caso de suicídio recente, vê aumento no número de tentativas, e a líder comunitária pediu ajuda. A princípio falou “entra no zoom, estamos oferecendo terapia comunitária integrativa toda quinta-feira”, e ela disse que elas não têm condições de entrar no Zoom, às vezes enviavam áudio errado pra pessoa errada. A ideia delas então é, a princípio, enviar áudios semanais como se fosse um rádio, para dar uma palavra de apoio, de suporte, já pediu pra colega de enfermagem, pra psicóloga, está tentando acionar a rede para começar nesse pequeno distrito que atualmente não tem condições de acesso a esses aplicativos. Sobre fala de Júnia, comenta que profissionais precisam de suporte, isso ficou claro na pesquisa e é muito clara pra ela também.

Alexandre Bellagamba (Usuário do CAPS Pedro Pellegrino): É usuário e militante do movimento antimanicomial desde 1993. Pensa na irresponsabilidade política que há, inclusive no Rio de Janeiro, o Crivella demitiu inúmeros profissionais, ficou sem psiquiatra um tempo, há dificuldade imensa de pegar medicação, ficou 8 meses comprando, percebe que existem inúmeras barreiras quanto ao tratamento mais básico possível, e fica pensando como podem fazer pra amenizar isso tudo, porque é sofrimento muito grande. Se identifica muito com Hugo que é o psiquiatra dele, ele é muito aberto, é forma de relação paciente-médico que

é deve existir, mas não se deve trocar sempre de médico porque faz com que usuários percam o laço de confiabilidade nos serviços. Sobre aumento de comunidades terapêuticas (CT's) acha preocupante, vê várias denúncias, o MOMULA (?) que é um movimento só de usuários que fundou junto com Zuzu Pontes do Espírito Santo e o Sidney Sampaio de Floripa, eles se articulam por debaixo dos panos, virtualmente, por e-mails, blogs, estão tentando se organizar pra fazer lives de só usuários sobre vários temas. O principal que queria discutir aqui é traçar estratégias para amenizar, enquanto receptor de tratamento do serviço público, o sofrimento nesse SUS sempre caótico, por conta dessas políticas que entram e que saem, fazem um monte de besteiras, apesar dos muitos bons profissionais. Existem amigos que também são usuários e sentem muitas dificuldades nisso, e também na inclusão digital, muitos não têm acesso. É politicamente aberto a qualquer coisa, desde que seja coerente e em prol de uma sociedade sem manicômios, sem violência e sem exclusão, luta por isso desde 1984, tem amigos de muitos anos que são referência pra ele, pede que tentem discutir estratégia para melhorar o serviço.

Diogo Sousa (CAPSi João de Barro): É psicólogo do CAPSi João de Barro na região 5.2. Queria transmitir alegria com a fala do Hugo, enfrentam dificuldades em função do território ser muito extenso, a atenção básica é muito volumosa, com muitas clínicas, AP é muito populosa, esse é um dos desafios que enfrentam na AP 5.2. No CAPSi onde trabalha já vem investindo nesse trabalho de matriciamento, que mexe muito com ele, é uma das funções, da potência dos CAPS, da riqueza da troca com atenção básica, amplia possibilidades de tratamentos pras equipes. CAPSi dá suporte pra 5.3, que é a área de Santa Cruz, o que estende um pouco mais o campo de atuação. Além da dificuldade com território extenso, outra em que esbarra é a troca dos gestores, das equipes, às vezes estão com trabalho bem encaminhado e quando vem essa troca, às vezes há dificuldade com o matriciamento. Mas o matriciamento na 5.2 em dado muitos frutos, equipes inteiras tem participado, falas dos ACS são muito potentes, são falas de trabalho vivo e próximo aos pacientes no território.

Hugo Soares (CAPS Pedro Pellegrino): Quando era NASF nos últimos dois anos, já propiciou atendimento a pacientes do CAPSi João de Barro, era muito gratificante. No NASF atendiam desde criança até o idoso, o CAPSi não foi citado por ele mas propicia apoio à CAP 5.3, na 5.1 há um outro, o Pequeno Hans, e é muito boa participação de todo mundo.

Leandro (CAPSi Carim / Frete Estamira / NUPPSAM): Destaca proposta de rádio com os áudios da Bethânia, ficou interessado em conhecer.

Marise Lutterbach (CAPS de Cantagalo e Macuco): Parabeniza Leandro pela condução da conversa. Não teve experiência em NASF, é de um tempo em que NASF ainda não existia, então a saúde mental através dos CAPS era quem fazia o matriciamento. Nessa busca de ter contato com CAPS, nessa época já estava com a questão da terapia comunitária muito forte, então buscou usuários da atenção básica, levava os usuários em kombi até o território e integrava lá. Quando chegou, soube que existia um coordenador de NASF e foi falar com ele. Era um médico homeopata e que queria conhecer o CAPS, ele se encantou e foi trabalhar lá. Não existe trabalhador de saúde mental que não fique o tempo todo em conexão. É um trabalho que é muito dificultado pela falta de recursos, para fazer isso precisam de carro, e quando consegue carro não consegue motorista, é uó. Perderam apoio de gestores, mas enquanto trabalhadores estão sempre em persistência e fazendo acontecer.

Eduardo Vasconcelos (Professor): Queria falar sobre experiência dos grupos de ajuda mútua, desenvolvem desde 2008 no Rio de Janeiro, várias cidades do Brasil, agora estão com projeto na OPAS (?) lá em Roraima, com os imigrantes, com usuários da saúde mental de lá também. Um dos maiores desafios é que os grupos são presenciais, que agora ficam impossíveis, e estão desenvolvendo algumas experiências de grupos online. O maior desafio dos grupos online é a acessibilidade, muitos usuários tem telefones ruins, internet pré-paga, dificultando acesso. No Rio Grande do Sul, em Alegrete, está surgindo experiência que é o uso do *Whatsapp* para reuniões, o serviço reúne usuários num grupo, que é um pouco mais acessível porque não tem peso na internet, e depois marcam uma determinada hora usando postagem (mensagens escritas, fotografia, figurinha, etc) para disparar reunião, é muito interessante, claro que com muitas limitações, porque dificulta relatos mais longos, mais emotivos. Pelo fato de ser um dispositivo acessível, por não cair, etc, tem visto no Rio Grande do Sul inteiro, vários municípios fazendo isso. Possui dois textos que pode disponibilizar, falando de como se monta isso, há desafio ético em relação a sigilos, tem sido muito interessante porque é acessível, pessoas que não tem telefone pedem o da família no

momento da reunião e depois apagam, tem sido muito interessante essa utilização. Enviará para o Pedro ou Cristina, que replicarão para a Frente.

Hugo Soares (CAPS Pedro Pellegrino): Recebeu essa semana recebeu chamado para começar grupo de ajuda mútua no Pedro Pellegrino, tão logo tenha a oportunidade conversa com diretora para dar um ponta-pé pra ver como fazer esses grupos.

Leandro (CAPSi Carim / Frete Estamira / NUPPSAM): Também começou isso no CAPSi e tem sido muito interessante, são cinco famílias que têm bebês, as pessoas trocam figurinhas, é bem interessante. Juliana Vinhais comenta pelo chat que essas experiências deram ótimas ideias, todo mundo interessado nesse material.

Pedro Gabriel (Frente Estamira / NUPPSAM): Interessante que estamos conseguindo articular os dois temas, dificuldade dos municípios que não tem boa cobertura de atenção básica, Júnia apresentou dados sugestivos mostrando a importância que a saúde mental tem nesse momento também, cerca de 80% das pessoas estão preocupadas ou muito preocupadas com a pandemia, e temos o isolamento social, é a forma que se mostrou efetiva para diminuir impacto devastador dessa pandemia, então temos que conciliar afastamento e acolhimento. O tema da inclusão digital, que começamos a reunião por causa da proposta linda do centro de convivência, ele é um tema que fala diretamente sobre a questão da desigualdade social no país, da iniquidade, da falta de recursos da população, e precisamos falar de coisas práticas que os CAPS possam implementar para ampliar capacidade de participação dos usuários, isso vai em direção à fala do Eduardo. Fica pensando se não seria o caso de, não tem proposta agora, mas vinha pensando que a gente tem que dar um salto nesse tema da inclusão digital, pensar propostas concretas de assegurar que existam dispositivos como celulares mais modernos, tablet ou o equipamento que seja à disposição do CAPS, grupos ou pessoas que possam fazer essa aproximação maior dos usuários e dos familiares. É uma missão da Frente saber se os CAPS dispõe de telefone celular ou outras possibilidades, há tarefa prática de mapear lacunas, carências, e pensar de que forma podem implicar gestão municipal, inicialmente, para propiciar isso para todos os serviços. É um acesso a telefone celular, nada sofisticado, onde o usuário possa participar de ações de acolhimento virtual. Várias

experiências já foram mencionadas mas a relação entre atenção primária e saúde mental em tempos de pandemia tem a ver com a inclusão digital

Leandro (CAPSi Carim / Frete Estamira / NUPPSAM): Estamos falando de acesso a equipamento e internet como a maior dificuldade, Marise perguntou para ele sugestão de modelo de tablet e ele pensou como requisito mínimo a câmera frontal, para ver e ser visto. Temos visto muitas ideias, no Nuppsam no projeto colaborativo há contato constante com as escolas e relato de professores é que tem tido retorno muito positivo de crianças, que aceitam participar de propostas de desafios, eles mandam vídeos, uma criança ensina a outra o que ela sabe fazer, nos grupos que faz com crianças de 3, 4 anos elas pegam o celular e brincam umas com as outras, isso funciona. Isso dialoga com o que a Natália Garuffe falou no chat, “temos muita dificuldade de acesso a usuários nas plataformas digitais, nosso público é infantojuvenil e dificulta ainda mais”. Não sei se dificulta por ser infanto juvenil Natália, a dificuldade está em poder ter acesso, muitos CAPS não tem telefone funcionando, ou tem mas não tem computador ou internet, estamos esbarrando em outras coisas também. Júnia colocou que “a secretaria estadual de saúde fará uma oficina sobre atenção primária e saúde mental em junho com todos os municípios, quem sabe não podemos colocar essa questão da inclusão digital como prioritária”.

Jonas Zonis: Sobre o serviço ter ou não celular disponível, acontece de os profissionais se queixarem de não ter aparelho disponível ou não quererem dar o seu número pessoal, o que é muito legítimo porque é subjetivo, cada pessoa se comporta de uma maneira diferente, então assim, é médico de equipe de família, trabalha numa equipe de saúde da família, e está há dois anos e meio usando *Whatsapp* com um chip comercial no próprio celular para tentar fazer contatos, porque a gestão municipal não tem sido muito amiga dessa ideia, mas recentemente isso mudou, a pandemia trouxe uma iniciativa da secretaria de comunicação do município de comprar um celular pra cada equipe de saúde da família, e isso chegou semana passada, receberam um aparelho LG, tem sido uma luta nos últimos anos mas recebemos. No município do Rio todas as equipes de atenção básica receberam, e com certeza isso poderia ser pleiteado para a atenção psicossocial. A ideia é que esse aparelho seja usado para teleconsulta em vídeo, pode ser usado de diferentes maneiras. Então é uma provocação, as pessoas achavam que nunca ia chegar e isso mudou com a pandemia, temos muito a

discussão do uso de *Whatsapp* na atenção primária aqui, acha que existe espaço para tentar pleitear com a prefeitura para a atenção psicossocial. São 350 equipes de saúde da família no município, então enfim, existe movimento nesse sentido.

Alberto Farias (Associação de Usuários, Familiares e Amigos da Saúde Mental - Niterói): É do CAPS em Niterói, é familiar há muitos anos, e estão fazendo reunião de familiares online, e realmente a questão colocada pelo doutor Pedro cai muito bem. Como familiar, faz a observação de que está achando essa reunião aqui muito técnica, com muitas siglas que ele não sabe, AP, bla bla bla, muitas siglas que não sabe o que quer dizer, e isso não quer dizer que esteja errado, mas como familiares ficam sem entender o que é. Está achando legal as iniciativas dos CAPS. Pede para que as pessoas que peçam a palavra se identifiquem, ele por exemplo é familiar que frequenta CAPS em Niterói e faz parte da AUFA. Quis só parabenizar e dar essas sugestões.

Leandro (CAPSi Carim / Frete Estamira / NUPPSAM): Sugestões super importantes seu Alberto, estamos sendo pouco colaborativos aqui quando vamos falando as siglas sem poder dizer o que elas são. Obrigado, a gente quando vai se conhecendo para de se apresentar, então é importante retomar isso.

Ana Lúcia Togeiro (CAPS - Macaé): Desde que começou a frequentar as reuniões da Frente esse tema se fez presente, das tentativas que vamos descobrindo para prestar assistência nesse momento de pandemia, e o recurso online vem sendo sempre citado. Logo que propomos aqui em Macaé, isso foi apresentado mas não foi aceito, o que foi proposto foram ramais de telefone para contato com usuários. O que é interessante, qualquer possibilidade que a gente tenha a gente precisa valorizar, mas ficou pensando o seguinte. Algumas reuniões atrás foi proposto que a Frente Estamira faria uma carta aos gestores, não me lembro mais do tema, mas a gente não é prioridade pros gestores, porque de fato estamos enfrentando uma questão séria de saúde, mas talvez assim, uma outra... A gente, nós profissionais, apresentarmos isso como uma alternativa de cuidado pode ser que sensibilize, porque de fato um aparelho celular pra cada serviço não é caro, não é inviável, mas talvez isso não chegue a ser compreendido a partir do alcance que pode vir a ter, então fico pensando nessa possibilidade, a partir de todas essas experiências que estão acontecendo, que

a gente pudesse provocar os gestores para o uso desse recurso para os atendimentos da população.

Leandro (CAPSi Carim / Frete Estamira / NUPPSAM): A provocação da carta era quanto à importância do isolamento social e algumas pessoas colocaram, desde lá do início, essa disponibilização dos telefones celulares pras equipes, a gente precisa realmente dar seguimento a isso.

Paulo Costa (CAPS II - Mesquita): Com relação à atenção básica, anteriormente à pandemia, nós fazíamos juntos a supervisão de território, e isso tava dando um bom resultado, a relação da atenção básica, dos NASF com o CAPS. Diante dessa pandemia, nos remeteu aos contatos telefônicos, enfim, e eu tenho observado que a gente tem recebido alguns encaminhamentos da atenção básica, pessoas com transtorno de ansiedade, ideação suicida, isso tem vindo muito a partir da atenção básica. E na supervisão de território a gente discutia muito isso, a triagem da atenção básica ao CAPS nesses casos, e agora nosso contato tá sendo através de telefone. Sobre a inclusão digital, isso depende muito do gestor. Aqui estamos ainda usando nossos aparelhos pra fazer esse contato com os usuários, como eu disse anteriormente eu direciono um grupo de familiares, e a gente tá pensando em fazer como era presencialmente através de reunião em vídeo e outros aparatos tecnológicos. Vários contatos têm sido feitos, nessa pandemia a gente tem dado respostas a essa reinvenção à qual somos chamados. Parabenizo o professor Pedro pela live do dia 23, da gestão e resistência em tempos difíceis, com ex-coordenadores nacionais da saúde mental. Foi um momento não emblemático, mas histórico, me senti lisonjeado e bebi muito daquela água, um momento de estar ali ouvindo daqueles autores, que lá atrás fizeram o movimento do qual a gente ainda hoje continua conversando, parabéns.

Tânia Terra (Campos dos Goytacazes): Através das tecnologias a gente tenta remodelar o trabalho, mas tenho pensado que inicialmente a gente tem que começar pelo encontro com as equipes, nós com as equipes de atenção básica, não sei se alguém já está fazendo isso, mas lembrando que o paciente é da atenção básica, a gente compartilha o cuidado com eles, e quando a gente ia ao território a gente fazia a visita juntos, discutia o caso juntos, estabelecia estratégias em conjunto, coisas que agora essa ida no território está restrita. Se alguém tiver

começado isso de repente boto o meu e-mail pra vocês me ajudarem, de repente um dia para cada equipe, já que eram 28 e agora vão ser 10, infelizmente aqui em Campos, então pensei que gente teria que começar dando apoio às equipes, pensando casos juntos, usando talvez o celular de alguém para compartilhar aquela consulta, aquele acolhimento, ou teoricamente fazendo estudo de caso sem ver a pessoa, não sei, se alguém já tiver começado isso que me ajudasse. Usar o Whatsapp que é uma mídia mais acessível, como o colega professor falou.

Wanessa (Usuária - CAPS Neusa Santos Souza): Agradece a oportunidade de estar aqui hoje, estão estruturando a proposta do centro de convivência e é importante ter essa noção das dificuldades que cada CAPS tá enfrentando, cada território também, vendo as iniciativas que estão surgindo como os grupos de ajuda mútua, a ideia do professor das reuniões pelo Whatsapp é maravilhosa, encaminharei o relatório dessa reunião pro grupo do centro de convivência pra gente tentar fazer essa interlocução entre esse grupo operativo, e trazer essa proposta pra ser feita de uma forma mais ampliada. Foi uma ideia que começou pequenininha, mas tentar de alguma forma, apesar de eu não entender nada de tecnologia, mas eu sabia que era um problema não só pra mim, mas pra muitos, mas pra tentar de alguma forma nos conectar nesse momento. Felizmente tem pessoas que entendem disso no projeto, estamos querendo entender as dificuldades para poder ajudar de alguma forma.

Leandro (CAPSi Carim / Frete Estamira / NUPPSAM): A reunião foi muito boa, temos alguns encaminhamentos, como a Júnia compartilhar o material da pesquisa, temos o material que o professor Eduardo Vasconcelos disponibilizou e será disponibilizado também no grupo de *Whatsapp*, no grupo Coletivo, tem a proposta que a Tânia Terra traz que é o apoio matricial ser feito também pelo meio virtual, e acho que Pedro resumiu na fala que atenção primária e atenção psicossocial em tempos de pandemia está junto com a necessidade da inclusão digital.

Redigido por Livia Esteves em 29 e 30/05.
Revisto pelos participantes, em /05/2020.

Rio de Janeiro, 31 de maio de 2020.
Frente Estamira de CAPS - Resistência e Invenção.